

RANGEL DE QUADROS



AMOR E PRIMAVERA

(TÍTULO DE UMA COMPOSIÇÃO MUSICAL)

(A minha sobrinha D. Maria Luiza Rangel de Quadros
Corte Real Monteiro Rebelo e Albuquerque)

biblioteca



AVEIRO

Off. Typ. do "Campeão das Províncias,,

1903

*Deposited in
Biblioteca Municipal
de Aveiro for P. Rangel
Julho 1927*

18795
Reg. N.º 002798.



RANGEL DE QUADROS

AMOR E PRIMAVERA



(TITULO DE UMA COMPOSIÇÃO MUSICAL)



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

(A minha sobrinha D. Maria Luiza Rangel de Quadros
Corte Real Monteiros Rebouças e Albuquerque)

FUNDO
LOCAL

bibRIA



AVEIRO

Off. Typ. do "Oampeão das Provincias.,

1903

AMOR E PRIMAVEIRA

bibRIA



AMOR E PRIMAVERA

(Título de uma composição musical)

(A minha sobrinha D. Maria Luiza Rangel de Quadros Corte-Real
Monteiro Rebocho e Albuquerque)

bibRIA

Era tarde de maio. Um sol-poente
ainda alumiaava os horisontes.
Ouvia-se o chorar das brandas fontes
e os murmurios da limpida corrente.

Um monte verdejante alem se erguia.
Matizavam o campo lindas flores.
No poente brilhavam puras cores
e toda a Natureza era harmonia.

Apenas vinham zephyros suaves
agitar brandamente os arvoredos.
Nos laranjaes soltavam cantos ledos,
saltitando nos ramos, ternas aves.

Que tarde tão formosa! Em lago brando
verdejantes salgueiros se miravam.
Da Primavera as galas se ostentavam,
os perfumes das rosas espalhando.

Muito perto, formosa camponeza,
de olhos da côr do Céu, douradas tranças,
guardava, triste, umas ovelhas mansas
e trajava com pobre singeleza.

E o brando lago lhe dizia: E's bella!
—E a pobre camponeza então chorava!
Vivia sem amor! Só afagava
as timidas ovelhas a donzella. —

Viu uma borboleta, que, formosa,
depois de ter beijado muitas flores
e ostentando orgulhosa as varias cores,
subtil pousou n'uma vermelha rosa.

Alli quedou! Por certo alguns segredos
de amor a borboleta revelára
á flor, que de prazer já se inclinára...
--Depois, voou, voou, entre arvoredos!... —

Entre as folhas espessas não se via!
Vôa rapidamente ao pé das fontes.
Deseja percorrer mais horisontes?...
—Chorosa, a camponeza então dizia:

II

Eu tenho invejas, ó rosa,
da tua sorte ditosa.

—Mais, do que eu, serás formosa
e deves amada ser?—

E a borboleta não veio
pousar no meu casto seio...

Eu, que, por amor, aneio,
não hei de amor conhecer?

Borboleta, espera, espera.

Serás tu uma chiméra?

Terno amor na Primavera

tu me quizeste lembrar?

Eu já vi, na phantasia

e dos sonhos na ambrosia,

que um mancebo se podia

n'um insecto transformar!

Serás, insecto formoso,

o mancebo donairoso,

que nos sonhos é meu gozo

e que não posso esquecer?

Espera!... Pára um instante!

Tu não vês, como, anhelante,

desejo ser tua amante;

desejo por ti morrer?

III

E a infeliz camponeza
as ovelhinhas deixou.
Corre os campos e a deveza.
Pel'os outeiros trepou.
Percorreu valles e montes. . .
Desprezou prantos das fontes. . .
E viu novos horisontes. . .
E ainda não se cançou! . . .

Leva os pés ensanguentados,
mas não perdera o valor.
Nas urzes e nos silvados
rasga as carnes, sem ter dôr.
As vestes rotas já via,
mas á dôr não succumbia. . .
—E já se acabava o dia,
mas não esse intenso amor! . . .—

Alta a noite!—Emfim, cançada,
a camponeza cedeu.
Cáe, afflicta, angustiada. . .
Pouco a pouco adormeceu.
E, quando rompia a aurora,
acordou á voz canóra
das aves, e se deplóra,
porque o logar conheceu.

Viu os mesmos horisontes.
Os mesmos prados lá viu.
E os prantos das mesmas fontes,
espantada, logo ouviu.
As ovelhinhas estavam
junto d'ella! E não pastavam,
mas, de tristeza, balavam...
—E então quasi succumbiu!—

Viu murcha a vermelha rosa.
Sem vida o insecto encontrou.
E a sorte, assim desditosa,
da borboleta chorou!
—Que restava á camponeza?
Sua natural belleza
viu transformada em tristeza
no lago, em que se mirou!—

IV

Atraz de um ideal corre quem ama
e tem desejos quasi sempre em vão!
Sente no coração a ardente chamma,
que não pode extinguir, d'uma paixão.

Corre do prado ao monte, á fonte e ao lago!...
Vê o seu ideal sempre a fugir.
Chora perdido esse desejo vago,
que nunca, nunca póde conseguir.

Aquella borboleta era inconstante,
mas, desde que beijou tão lindo flôr
e gozou seu perfume inebriante,
como ella, fôra victima do amor.

E a pobre camponeza, tão formosa,
sem das tristes ovelhas mais cuidar,
passou a vida sempre lacrimosa...
—Feliz quem não amou, nem sabe amar!—

Aveiro, VII—I=MCMIII

Rangel de Quadros

Nota—Esta composição havia sido feita expressamente, para ser, n'um saráu theatral, recitada por a senhora, a quem é offerecida. Por justificados motivos não se effectuou aquelle saráu.